

Nº 32 - SETEMBRO / DEZEMBRO 2018

# MAIS TMJB

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

## א בּוּא אַלמָא דע שֵׂע-טְחַמְשִׁיט

Peter Kleinert, encenador da Schaubühne de Berlim, dirige uma das mais emblemáticas peças de Bertolt Brecht. Rita Cabaço é Chen Te, a protagonista.

● ✕ ○ ✕

Mártir:

✕ ✕ ○ ✕ ○ ✕ ● ✕ ✕ ✕ ○ ✕ ○

O Romance da Raposa

○ ✕ ✕ ●

Carlão

✕ ✕ ○ ✕ ○ ✕ ● ✕ ○ ✕

Mayra Andrade

● ○ ✕ ● ✕ ○ ✕ ✕

Isela João

○ ✕ ✕ ○ ✕ ○ ✕ ● ✕ ✕ ○ ✕ ✕

Concerto de Natal

○ ✕ ✕ ○ ✕ ✕ ✕ ✕ ✕ ✕ ○ ✕ ✕

O Quebra-Nozes



# Outubro, Novembro, Dezembro

**N**os próximos três meses a Companhia de Teatro de Almada estreia uma peça por mês.

Em Outubro o encenador alemão Peter Kleinert dirige *A boa alma de Sé-Chuão*: o regresso de Brecht ao reportório da CTA, depois de êxitos como *A excepção e a regra*, *Mãe Coragem e seus filhos* e *A mãe*. À frente de um elenco jovem e versátil, que também executa ao vivo a música do espectáculo, Rita Cabaço — que no ano passado recebeu o Globo de Ouro e o Prémio SPA para melhor actriz — estreia-se na dramaturgia do autor alemão, e logo com uma das mais cobiçadas protagonistas do universo brechtiano: a prostituta Chen Te.

Em Novembro o humor de Marius Mayenburg regressa a Almada, depois do sucesso obtido há dois anos com *O feio*. Desta vez, Rodrigo Francisco dirige *Mártir*, uma comédia negra que se passa no ambiente escolar e que aborda o tema do fanatismo religioso — a partir do catolicismo. Esta parábola contemporânea revela-nos que a violência e a intolerância não são exclusivas de um só credo — e que as palavras que as instigam são mais humanas que divinas.

Em Dezembro, Teresa Gafeira adapta e encena *O romance da raposa*, que Aquilino Ribeiro escrevera para o seu filho. As tropelias de Salta-Pocinhas, descritas com a mestria e a riqueza vocabular do autor d' *A casa grande de Romarigães*, prometem entusiasmar os mais novos. O espectáculo contará com música original de Alexandre Delgado, e cenografia e figurinos de António Lagarto.

Nos quatro meses que restam até ao fim do ano, o TMJB acolhe ainda 12 espectáculos de teatro, música e dança — bem como seis oficinas para a infância. Mantemos a exposição *CTA – 40 anos em Almada*, e o Restaurante voltará a abrigar-nos no Outono que aí vem. Não hesite, pois, em partilhar as nossas plateias com os mais de 700 amigos deste Teatro, e — se não o fez ainda — junte-se ao seu Clube!

**Nº 32 | SETEMBRO / DEZEMBRO 2018**



Colaboram neste número **Ana Patrícia Santos**, **Ángela Pardelha**, **Aziza Hecht**, **Henrique Gomes**, **Manuela Nunes**, **Miguel Martins** e **Rodrigo Francisco** Paginação **João Gaspar** Fotografia de capa **Rui Carlos Mateus** Impressão **Grafedisport**, impressão e artes gráficas, **SA** Propriedade, distribuição e publicidade **Companhia de Teatro de Almada, CRL**

Teatro Municipal Joaquim Benite, Av. Prof. Egas Moniz, Almada  
Telefone: 21 273 93 60 | Fax: 21 273 93 67 | geral@ctalmada.pt  
www.ctalmada.pt | www.facebook.com/TeatroMunicipalAlmada



# SET. A DEZ. 2018

## P. S. CARMEN

Coreografia de **Margarida Belo Costa**  
Produção: **Companhia de Dança de Almada**

**21 e 22 de Set.**

## Justiça

Texto de **Camilo Castelo Branco**  
Encenação de **Rui Madeira**  
Produção: **Companhia de Teatro de Braga**

**22 e 23 de Set.**

## D. Raposa e outros animais

A partir das fábulas de **La Fontaine**  
Encenação de **Teresa Gafeira**  
Produção: **Companhia de Teatro de Almada**

**29 e 30 de Set.**

## Carlião

**29 de Set.**

## A história assombrosa...

A partir de **Gaston Leroux**  
Encenação de **Bruno Bravo**  
Produção: **Primeiros Sintomas**

**12 e 13 de Out.**

## Muita tralha pouca tralha

Texto de **Catarina Requeijo** e **Inês Barahona**  
Direcção artística de **Catarina Requeijo**  
Produção: **Formiga Atómica Associação Cultural** e **Teatro Maria Matos**

**13 e 14 de Out.**

## A boa alma de sé-chuão

Texto de **Bertolt Brecht**  
Encenação de **Peter Kleinert**  
Produção: **Companhia de Teatro de Almada**

**19 de Out. a 11 de Nov.**

## Contos do abstrato

Direcção de **São Castro** e **António Cabrita**  
Produção: **Companhia Nacional de Bailado**

**27 e 28 de Out.**

## Os gatos

A partir de **T. S. Eliot** | Enc. de **Teresa Gafeira**  
Produção: **Companhia de Teatro de Almada**

**10 e 11 de Nov.**

## Verdi que te quero Verdi

A partir de **Giuseppe Verdi** | Enc. de **Teresa Gafeira**  
Produção: **Companhia de Teatro de Almada**

**17 e 18 de Nov.**

## Mayra Andrade

**17 de Nov.**

## Mártir

Texto de **Marius von Mayenburg**  
Encenação de **Rodrigo Francisco**  
Produção: **Companhia de Teatro de Almada**

**23 de Nov. a 16 de Dez.**

## Música no salão

Com **Patrícia Vasconcelos**

**30 de Nov. e 01 de Dez.**

## O romance da raposa

Texto de **Aquilino Ribeiro** | Enc. de **Teresa Gafeira**  
Cenário e figurinos de **António Lagarto**  
Música de **Alexandre Delgado**  
Produção: **Companhia de Teatro de Almada**

**01 a 16 de Dez.**

## Projecto Voltaire

Direcção musical de **Antonio Campos**

**07 e 08 de Dez.**

## Gisela João

**15 de Dez.**

## Concerto de Natal

Obras de **Wolfgang Amadeus Mozart**  
Direcção musical de **José Eduardo Gomes**  
Produção: **Orquestra Metropolitana de Lisboa**

**21 de Dez.**

## O Quebra-Nozes

Coreografia de **Mehmet Balkan**  
Música de **Piotr Ilich Tchaikovsky**  
Produção: **Companhia Nacional de Bailado**

**28 e 29 de Dez.**



© Rui Carlos Mateus (foto de ensaios)

# Desceu o pano e está tudo sem resposta

ENTREVISTA COM PETER KLEINERT

O encenador alemão Peter Kleinert está em Almada para dirigir uma das mais emblemáticas obras de Brecht: *A boa alma de Sé-Chuão*. Com um elenco jovem de actores que são também músicos, é-nos contada a história de Chen Te, uma prostituta chinesa, habitante de Sé-Chuão, cuja bondade é recompensada pelos deuses. Com a ajuda divina, a jovem abre uma tabacaria – mas tem dificuldade em manter as portas abertas, tantas são as pessoas que lhe pedem uma tigela de arroz ou uma chávena de chá. Para evitar a falência, resolve criar um alter-ego: disfarça-se de Chui Ta, um suposto primo seu, mais familiarizado com a lógica do mercado e que pode resolver os problemas da loja... Mas quem poderá apaziguar o coração de Chen Te?

**Os actores têm liberdade para improvisar. Trabalhou sempre assim?**

Não. Quando comecei a fazer teatro, com vinte e poucos anos, ia para os ensaios com o espectáculo na cabeça. Anotava tudo, fazia o trabalho prévio de estudo e de preparação das cenas, e os actores apenas executavam o que havia sido pensado. Depois percebi que o trabalho era melhor se fosse feito em conjunto. Hoje, depois de toda a preparação prévia, trabalho a partir de improvisações dos actores. Quero que o actor faça parte do processo e sinta que o espectáculo também é seu.

**Encenou *A excepção e a regra* em 1981, para a Companhia de Teatro de Almada.**

Antes de fazer o espectáculo com a Companhia de Teatro de Almada, fui convidado para a Festa do Avante, em 1979. Convidaram-me a fazer algumas cenas d'*A mãe* com os actores do então Grupo de Teatro de Campolide. *A mãe* é uma peça difícil de tornar interessante para o público de hoje... Mas, em 1979, fizemo-la numa tenda, para mil pessoas. O Canto e Castro fazia de professor e havia uma cena em que ele ensinava os trabalhadores analfabetos a ler e a escrever. Nunca me hei-de esquecer daquele momento. De como o público esteve totalmente em silêncio, entendendo na perfeição o humor da cena, porque a representação recriava um evento muito próximo das suas experiências de

vida. Na minha biografia teatral, é quase um momento único, que me fez perceber como o teatro pode, de uma forma muito directa, ser um acto político. Efeito similar se alcançou em 1981. Actualmente é muito mais complicado exercer uma influência política. Uma coisa que sempre encontrei em Brecht foi a possibilidade de explicar um pouco mais o mundo. Gosto muito do seu humor, da sua linguagem, das possibilidades que dá aos actores. Estive sempre muito próximo deste autor, porque, para mim, o teatro consiste em contar histórias. Na minha opinião, ele é o primeiro autor pós-dramático: usa canções nos seus espectáculos, quebra a quarta parede, fala directamente ao público... E eu tento que estes momentos sejam ainda mais extremados, ampliando as narrativas apresentadas pelos actores, para sublinhar que estamos a fazer teatro. Também é preciso desempoeirar as obras de Brecht e rever as suas peças à luz dos dias de hoje. Nesta encenação existem mais de trinta canções e outros momentos musicais, ao vivo, intercalando-se momentos cómicos e trágicos. Os protagonistas são sete jovens actores que interpretam mais de vinte papéis e que evidenciam, neste espectáculo, todo o seu talento. Tem sido um grande prazer trabalhar em conjunto com este grupo e com o director musical Pedro Melo Alves.

**Brecht opta nesta peça por uma perso-**

**nagem dupla: Chen Te disfarça-se do seu suposto primo Chui Ta. Como é que este recurso enriquece o espectáculo?**

Brecht levou mais de dez anos a escrever esta peça. No final dos anos 20, era uma ideia para uma *Lehrstück* [peça didáctica]. Era muito preto no branco: Chen Te começa por ser apenas boa e, quando chega o primo, Chui Ta, passa a ser apenas má. De tal modo que, quando a peça didáctica chega ao fim, o ensinamento é claro: não podes ser boa pessoa num mundo mau, porque, se fores, vais falhar. Mas Brecht continuou a reescrever o texto, ampliando o enredo com um romance originado numa cena amorosa entre Sun e Chen Te. A peça ganha, então, a dimensão de uma história melodramática. Nesta segunda versão, a prostituta Chen Te e o seu primo Chui Ta alternam a sua presença em cena mais vezes. Se Chen Te não aguentar o papel do primo malvado há o risco de a duplicidade se desfazer, expondo-se a farsa. Se para o universo teatral esta construção é, por si só, muito interessante, para a actriz que interpreta ambas as personagens constitui um derradeiro desafio.

**De que forma este texto ainda nos fala?**

Esta peça, com cerca de 80 anos, apresenta-se como um conto de fadas moderno. Nela constatamos que o questionamento da máxima “*ser uma pessoa boa e ainda assim viver*” não perdeu

relevância. Pelo contrário. A Europa está numa encruzilhada geradora de muitas perguntas. Conseguiremos manter os nossos princípios éticos perante a miséria existente neste mundo, de que a crise dos refugiados é apenas um exemplo? Estaremos prontos para abdicar (de parte) da nossa prosperidade? Ou, ao invés, vamos ceder à pressão das crescentes forças de direita e tornar a Europa uma fortaleza? Brecht também não encontra uma resposta certa para estas reflexões. No final do espectáculo, propõe três conclusões: Chen Te está grávida e Chui Ta cria uma fábrica de tabaco para dar uma boa vida à criança; Chen Te procura a ajuda dos deuses, revelando-se uma pessoa boa que não podia sê-lo porque foi esmagada pelos necessitados; os actores, sem uma resposta segura, dirigem-se ao público para que sejam os espectadores a chegar a uma conclusão. *Desceu o pano e está tudo sem resposta.*



А Ъ00 аlм0а 0е 8é-0ау000

Texto de Bertolt Brecht  
Encenação de Peter Kleinert

**19 de Out. a 11 de Nov.**  
**Qui. a Sáb. às 21h | Qua. e Dom. às 16h**



© Rui Carlos Mateus / Alfredo Rocha  
alma feeling

# Benjamim, a Bíblia e os biquínis

**Mártir**, a comédia que Rodrigo Francisco dirige, passa-se numa Escola Secundária e é especialmente indicada para o público juvenil. Benjamim, um jovem introvertido, refugia-se em citações descontextualizadas da Bíblia para se alcandorar em guru e semear o escândalo entre os colegas, chamando a atenção sobre si mesmo. A sua mãe descarta o problema para o corpo docente: já que o ensinam, eduquem-no também. E é a sua professora de Biologia, que acaba por deixar que o cisma escolar lhe invada a esfera privada, quem chama a si a resolução do problema: quem é ‘mártir’, afinal? O adolescente problemático, ou a sua professora, que enfrenta a ‘ditadura da pedagogia’?

**M**arius von Mayenburg, um dos expoentes do teatro alemão contemporâneo, é já conhecido do público português através das suas peças *Parasitas*, traduzida por Vera San Payo de Lemos em 2001, *Cara de Fogo*, traduzida em 2003 por João Barrento. Recentemente a Companhia de Teatro de Almada levou à cena *O feio*. Mayenburg, cujas peças se caracterizam por uma linguagem coloquial e diálogos concisos com que aborda, de forma consequente e até mesmo crua, questões actuais de identidade e alienação, geradoras de conflitos familiares e intergeracionais, publicou em 2012 a peça *Mártir*, que obteve um enorme sucesso tanto na Alemanha como noutros países europeus. Em 2016, o cineasta russo Kirill Serebrennikov baseou nela o filme *O estudante*.

## AFASTAI DE MIM OS BIQUÍNIS

Benjamim, aluno de uma escola secundária, obviamente insatisfeito, recusa-se a ir à natação. A mãe pensa que ele tem os problemas próprios da adolescência ou que toma drogas, e delega o assunto à escola. Mas Benjamim recusa-se a nadar ao lado das colegas em biquíni, advogando a separação dos sexos com base em citações do Antigo Testamento. Em breve se torna evidente que o jovem adolescente procura na Bíblia passagens radicais

que lhe permitam legitimar a entrada em conflito aberto com a família e a escola. A sua leitura das Escrituras Sagradas é literal e selectiva: a mensagem que nelas procura não é a do amor pelo próximo, da misericórdia e do perdão em que pensamos quando apelamos para os valores cristãos da sociedade ocidental; prefere as passagens de carácter radical, misógino, homofóbico e até mesmo anti-semita, que incitam à destruição de todos os que delas discordam. Benjamim torna-se num fundamentalista cristão altamente cómico, que hostiliza a mãe e está sempre a causar rebuliço nas aulas, sendo repetidamente chamado ao director. Tanto este como os professores revelam-se ineptos para lidar com a retórica e a intransigência do jovem, que causam estranheza também entre os colegas, sobretudo as raparigas. Só Jorge, um miúdo deficiente marginalizado pela maioria, se deixa seduzir pelo discurso de Benjamim, que o trata como um discípulo e vai ao ponto de tentar curá-lo fazendo um milagre que, obviamente, falha, provocando forte desilusão e agressividade no jovem fundamentalista.

## CIÊNCIA VS. RELIGIÃO

A professora de Biologia, defensora convicta do pensamento racional e científico, é a única que procura uma explicação para o comportamento de Benjamin. Para tal lê com afinco a Bíblia e tenta persuadir o aluno a abandonar as suas ideias extremistas

por via da argumentação. Este reconhece que é ela o seu verdadeiro adversário e não os que o encaram com uma tolerância frouxa e complacente. Manipulador e pouco escrupuloso nos métodos que usa, Benjamim conseguirá desestabilizar o universo escolar. Irá urdir uma intriga contra a professora, instrumentalizando para tal Jorge. O seu último recurso será uma vitimização encenada, da qual resultará a destruição da vida familiar e profissional da sua inimiga.

## FUNDAMENTALISMO E CONTEXTO

Ao escolher um protagonista cristão, Mayenburg evita reduzir a questão do fundamentalismo ao Islão, mostrando que qualquer texto religioso, tomado à letra e interpretado fora do seu contexto histórico, apresenta um potencial de violência e intolerância latentes. Afinal, a tradição humanista, que opomos aos fundamentalismos modernos, talvez não seja tão antiga e arreigada quanto gostaríamos de pensar. A questão da atitude do indivíduo e da sociedade perante a religião não perdeu a sua relevância: que tem uma sociedade tolerante e plural tanto do ponto de vista cultural como religioso para opor à atracção exercida pelas respostas simples e as certezas inabaláveis de uma identidade religiosa absorvente e dominadora? Neste recontro entre o fundamentalismo e o pensamento secular, quem é, afinal, o mártir a que o título se refere? O jovem

extremista, que reclama para si a posse da verdade e está disposto a lutar por todos os meios e tudo sacrificar por uma ideologia avassaladora, ou a professora de Biologia, caluniada e relegada pelos seus pares, que acaba simbolicamente crucificada mas sem abdicar dos seus pontos de vista?

## SEMEAR A DÚVIDA

Numa entrevista concedida por ocasião da encenação da peça pelo Unicorn Theatre, Mayenburg respondeu à pergunta de como gostaria que os espectadores saíssem do teatro depois do espectáculo com a frase: “*A pensar: com mais algumas perguntas e dúvidas na cabeça.*” Tal como faz noutras peças, o autor não apresenta soluções: coloca o espectador perante figuras que desestabilizam a teia social que as envolve, e o deixam perplexo e inseguro por não corresponderem aos padrões a que está habituado, levando-o a olhar para o mundo que o rodeia com outros olhos e a questionar aquilo que até aí considerava como um dado adquirido. | MANUELA NUNES (TRADUTORA)



**Mártir**

Texto de Marius von Mayenburg  
Encenação de Rodrigo Francisco

**23 de Nov. a 16 de Dez.**  
Qui. a Sáb. às 21h | Qua. e Dom. às 16h



© António Lagarto

# Ao encontro da Salta-Pocinhas

**O romance da raposa foi o livro para a infância mais bem-sucedido de Aquilino Ribeiro (1885-1963), um nome maior da Literatura Portuguesa, admirado pelas paisagens que deixou gravadas nos livros e pela mestria com que burilou a língua de Camões. A Companhia de Teatro de Almada estreia em Dezembro, numa encenação de Teresa Gafeira, uma adaptação desta divertida fábula, cuja protagonista é uma raposinha manhosa, de seu nome Salta-Pocinhas. O espectáculo conta com música original de Alexandre Delgado e cenário e figurinos de António Lagarto.**

**A**s criações para a infância são, há vários anos, a folha de papel onde Teresa Gafeira vai dando forma a um manifesto sobre a formação de públicos e sobre o duplo fim (instrutivo e recreativo) que pode ter o teatro. A atriz e encenadora – que fez parte do núcleo fundador da CTA e que assume, desde 1992, a responsabilidade por quase todas as produções infanto-juvenis da companhia – prefere posicionar-se pela acção e não pela palavra, escolhendo trabalhar ora sobre um texto de indiscutível qualidade (como foi o caso de *O mandarim*, de Eça de Queirós, em 2014), ora sobre a música de um compositor renomado que entenda ter o dever de apresentar aos mais novos. Graças a si, o repertório de espectáculos infantis da CTA inclui hoje tributos a Bach, Verdi e Rossini que, por se distinguirem largamente no contexto da oferta teatral para crianças, se têm mantido em cena, ano após ano. Teresa Gafeira não descarta, por outro lado, a dimensão plástica de cada produção, rodeando-se de artistas que acrescentem novas camadas ao seu trabalho de encenadora.

## O MECANISMO DA ASTÚCIA

A criadora teria certamente concordado com aquilo que Aquilino Ribeiro, em sede própria, deixou escrito sobre a literatura infantil. No final de uma edição de 2015 de *O romance da raposa*, com chancela da

Bertrand, pode ler-se, por exemplo, a aversão do Autor aos contos de fadas: “*Prefiro dispor as crianças para a vida da luta do que para o sonho e a idealidade abstracta, sem ramo em que a ave azul ponha o pé*”. A fábula da raposa matreira tem a vantagem de mostrar aos mais novos “*o mecanismo interno da astúcia, um pouco a astúcia de Ulisses, havida, sob determinados aspectos, como boa e sempre admirável, e por extensão a velhacaria social. Prefiro que se conheça a hipocrisia que nos surpreenda, tal a víbora, escondida num tufo de ervas ou mesmo de flores, quando pomos o pé...*”.

## A RAINHA DO ENGODO

A sua Salta-Pocinhas é a rainha do engodo numa terra sujeita aos caprichos das estações e às leis impiedosas da cadeia alimentar, que tão depressa providencia a toca acolhedora e a água fresca que mata a sede, como esconde a armadilha do bicho-homem e o Inverno rigoroso que afasta a caça. Por outro lado, a ladina raposa é obra da leitura de fabulários, mas também uma filha da História Natural que se apropria, como as raposas verdadeiras, de antigas tocas de texugo e de coelho, e que come de tudo um pouco: galinha, grilo, ovos de perdiz e favos de mel. O romance de Aquilino foi objecto de uma versão em desenhados animados transmitida pela RTP nos anos 80 e divide-se em duas partes: na primeira, acompanhamos a juventude da Salta-Pocinhas, designadamente os seus embates

com o lobo D. Brutamontes, “*vizo-rei das selvas da Beira Alta*”; na segunda, a vida familiar e a velhice da embusteira. Teresa Gafeira debruça-se única e exclusivamente sobre a primeira, para ir ao encontro da natureza travessa dos espectadores de palmo e meio.

## MÚSICA DO PRINCÍPIO AO FIM

Com a adaptação pronta, a encenadora convidou o maestro Alexandre Delgado (autor das óperas *O doido e a morte* e *A rainha louca*, que a CTA estreou, respectivamente em 2009 e em 2011) e o cenógrafo e figurinista António Lagarto a juntarem-se à equipa criativa do espectáculo. A resposta foi entusiasta e, em entrevista ao *Mais TMJB*, ambos recordam um livro que marcou profundamente as suas infâncias. No caso de Alexandre Delgado, o convite veio mesmo reavivar a ideia de fazer uma ópera sobre esta obra de Aquilino. O maestro e compositor (que, nos últimos dois anos compôs *O pequeno abeto* e *O soldadinho de chumbo* para reunir os coros e as orquestras da Academia Musical dos Amigos das Crianças) reconhece inclusivamente que “*nunca tinha escrito tanta música*” e que foi o seu entusiasmo o principal responsável por termos não “*uma peça de teatro acompanhada por música*”, mas “*uma peça de teatro com música do princípio ao fim*”. Alexandre Delgado criará um material que “*se preste a ser cantado*” e que, muito possivelmente, dará origem a “*uma peça com canções ou mesmo uma ópera*”.

## FUGIR À ILUSTRAÇÃO

Em cena estará também, sempre que possível, um pianista e, ao centro, a imponente árvore com que António Lagarto pensa estruturar o seu dispositivo cénico. “*Não estou a pensar fazer uma banda desenhada, que é aquilo a que todos nós e todas as crianças hoje estão habituadas*”, assume. “*Gostaria de criar um dispositivo que, de algum modo, nos remetesse para a selva ou para o campo, e que todos os animais não fossem retratados tal e qual. O actor não tem de pôr a máscara para ser a raposa...*”. Mais adiante, a ideia concretiza-se: “*Gostaria de fugir de um tipo de ilustração muito marcado por algum figurativismo. Quero sugerir; não quero estar a copiar exactamente a realidade. O actor pode pôr-se de gatas mas estar vestido com um fato de homem, ou fazer de urso com um sobretudo... Aquelas coisas que, às vezes, o próprio familiar – o pai ou a mãe – pode fazer em casa a contar uma história*”.



## O romance da raposa

Texto de Aquilino Ribeiro  
Dramaturgia e encenação de Teresa Gafeira  
Cenário e figurinos de António Lagarto  
Música de Alexandre Delgado

**01 a 16 de Dez.**

**Sáb. às 16h | Dom. às 11h e às 16h**

**SESSÕES PARA AS ESCOLAS**

Nos dias úteis, de 4 a 14 de Dez., mediante marcação

# Dois casos assombrosos: de Camilo a Leroux

A par das criações da Companhia de Teatro de Almada, outros dois espectáculos completam a programação teatral do TMJB em 2018: *Justiça* e *A história assombrosa de como o capitão Michel Alban perdeu o seu braço*. O primeiro consiste num texto de Camilo Castelo Branco levado à cena pela Companhia de Teatro de Braga; o segundo é uma encenação de Bruno Bravo para os Primeiros Sintomas.

Famílias desavindas, lares desfeitos, galãs sem escrúpulos, donzelas indefesas... Não falta um ingrediente a *Justiça*, o drama de faca e alguidar que Camilo Castelo Branco escreveu e viu subir ao palco, sem grande sucesso, nos anos 50 do século XIX. A Companhia de Teatro de Braga decidiu divulgar uma das facetas menos conhecidas do autor de *Amor de perdição* em 2016. Para o leitor assíduo das novelas camilianas, habituado à febre das paixões e dos desfechos, o dramaturgo e o romancista depressa se revelam uma e a mesma pessoa. *Justiça* também é sinónimo de amores desenfreados, como aquele que incita Inês a fugir de casa e a instalar-se, com Luiz, num hotel de Lisboa. Há (como não?) pais e filhos que se reencontram ao fim de vinte anos e mulheres da família com destinos decalcados a papel químico. Para Rui Madeira, *Justiça* é um melodrama burguês que oferece “um olhar peculiar sobre a sociedade e os costumes”.

## DOS MARINHEIROS GÓTICOS

Endireitadas as costas, depois de espreitarmos pela fechadura do hotel alfacinha que Camilo escolheu para cenário, damos por nós na penumbra, ao balcão de um bar frequentado por marinheiros. Entre as nuvens de fumo, julgamos vislumbrar homens corpulentos, com barbas longas e tatuagens, que nos fazem estremecer de cada vez que soltam uma gargalhada ou sempre que pedem outra rodada, com um murro no tampo da mesa. Será mais ou menos este o ambiente de *A história assombrosa de como o capitão Michel Alban perdeu o seu braço*. Bruno Bravo leu *Une histoire épouvantable* ou *Le dîner des bustes* na tradução de Aníbal Fernandes e não resistiu nem às “qualidades literárias” do texto, nem ao carácter gótico da atmosfera. Adaptou-o para teatro e estreou-o em 2017, intercalando dois nar-

radores: “uma primeira figura literária, sem corpo físico, que começa por descrever, como testemunha, o ambiente onde o capitão Michel Alban conta a sua história; e o capitão, ele próprio, como figura dramática, narrador principal dos mais inusitados acontecimentos que se ouvem (ou se lêem)”. De facto, sem momentos de contracena ou marcações significativas, as palavras ganham peso, textura, força. A frase inicial (“O capitão Michel Alban só tinha um braço, que lhe servia para fumar cachimbo”) põe, como nenhuma outra, a imaginação a funcionar – e os pormenores sórdidos que se seguem impedem-na de se deter. Haverá convite mais tentador? Sentarmo-nos no escuro, longe da acção e da luz dos projectores, e ver as histórias mais incríveis ganharem vida diante dos nossos olhos? *A história assombrosa de como o capitão Michel Alban perdeu o seu braço* serve ainda de pretexto para a realização de uma *Conversa com o público no foyer* do TMJB, no sábado 13, às 18h.



## Justiça

Texto de Camilo Castelo Branco  
Encenação de Rui Madeira

22 e 23 de Setembro  
Sábado às 21h30 | Domingo às 16h



## A história assombrosa de como o capitão Michel Alban perdeu o seu braço

A partir de Gaston Leroux  
Encenação de Bruno Bravo

12 e 13 de Outubro  
Sexta e Sábado às 21h



Miguel Sopas protagoniza o texto de Gaston Leroux



A Companhia de Teatro de Braga realizou a estreia moderna de *Justiça*



© Vera Marmelo

# Carlão: a solo, mas bem acompanhado

Para o seu novo álbum, a que chamou *Entretenimento?*, Carlão contou com a colaboração de intérpretes como Manel Cruz, António Zambujo e Boss AC. Em estreia absoluta no TMJB, o MC de Cacilhas promete-nos um concerto “quentinho”, em que o “*factor humano será o mais importante*”. O músico angolano Kalaf Epalanga, na apresentação deste novo disco, fala de “*lucidez*” para definir “*este conjunto de canções: há muito que os discos de Carlão não se circunscrevem a um género apenas. Este é um disco maduro*”.

**Este é o primeiro grande concerto de apresentação do novo álbum, *Entretenimento?*. Entusiasmado, de certa forma, por tocar em casa?**

Claro que sim. Gosto muito da sala do TMJB e nunca lá actuei. Quer dizer, toquei enquanto convidado da Sara Tavares, num concerto que ficou na memória. É Almada, é casa. E gosto bastante de actuar em auditórios, que é uma coisa que não faço muito. Permite uma empatia muito maior; uma simbiose muito maior com o público. Estás a ver quase toda a gente olhos nos olhos e quase sempre são concertos... Não sei... Mais quentinhos. Há um factor humano mais importante.

**Sente uma energia diferente quando toca na Margem Sul? Como se fosse um sentimento de pertença?**

Sim, claro que sim. Há algo muito rico e inexplicável nesse lado da família e dos amigos. Para te dar um exemplo: no último concerto, na Festa do Avante!, as minhas filhas estavam no palco, a ver, e elas gostam muito de um tema. Quando comecei a tocar esse tema, chegaram-se mais para a frente e, às tantas, eu puxei-as. Estivemos ali e, naquele momento, parece que não há mais nada. É algo muito especial. E em concertos em que estás assim, com esse povo e dentro desse registo, parece que de repente não há mais nada. Parece que o mundo desaparece e estás ali num microcosmos. Não sei... É assim... quase como um útero.

**Passaram três anos desde o lançamento do primeiro disco a solo, *Quarenta*. Como é que chegou à conclusão de que estava na altura de fazer mais um disco?**

Eu sinto falta, quando actuo, de ter material novo para tocar. É um bocado o pacote inteiro... Não consigo estar muito tempo sem gravar coisas novas.

**E em relação às diferenças entre estes dois trabalhos? Há mais instrumentos, e a herança cabo-verdiana...**

É um pouco disso tudo. Nos últimos anos, tenho olhado para as origens com olhos diferentes. Sempre assumi que, para aí até aos meus 30 anos, praticamente só ouvi música americana. E depois comecei a descobrir o resto do mundo, inclusive algumas coisas que têm a ver directamente com as minhas origens. Não é que seja um *expert*, longe disso... Mas o som de Cabo-Verde já entrou dentro do espectro das coisas que eu oiço e gosto, e então foi fixe trazer isso para a minha música. Acho que este disco tem uma paleta maior; tem dois temas só de voz e guitarra; tem mais instrumentos; tem produtores que também saem um bocado daquela coisa de gravar ou de produzir só com programações e *beats*... Acho que este álbum acaba por ser uma evolução do *Quarenta* e um disco mais rico.

**Aquilo que nunca muda é a vontade de passar uma mensagem. A primeira talvez esteja no título, naquele ponto de interrogação...**

Eu acho que há montes de coisas que caem em saco roto, mas nem sempre é bem assim. E é giro ver que não caíram em saco roto. Houve uma pessoa, numa rede social, que publicou esse excerto: “*Para ti é entretenimento, mas para mim é uma coisa muito séria e necessária*”. E acaba por ser isso, porque isto que eu faço, de certa forma, é o que me permite viver neste mundo. Não só profissionalmente... Permite-me viver, estar aqui, conseguir lidar com esta maluquice que é a vida em sociedade. Isto que eu faço é o que me permite estar aqui a ter esta conversa e não ter desaparecido antes. E depois, naquilo que faço, tenho de entrar um bocado neste jogo. E a minha questão aqui é: o que é o entretenimento hoje em dia? Se eu o faço também, de que forma é que faço? É isso tudo que está nesta equação, neste ponto de interrogação. Hoje em dia, tudo é entretenimento; tudo é tratado como tal, e vivemos numa altura em que quase tudo o que tu fazes tem de ser vendido como entretenimento. Esse ponto de interrogação é assim meio angústia, meio ironia também. É autocrítica e não só.

**Para além da reflexão sobre o culto da imagem e a voracidade do nosso tempo, mantém-se a vontade de fazer balanços – algo que também já vem do *Quarenta*.**

A escrita obriga-me sempre a pensar e a trabalhar coisas em mim que, de outra forma, não trabalharia. E sempre foi assim. É quase como aquela terapia que tu fazes com a psicóloga ou com o terapeuta, em que estás

lá e estás a falar e, a partir do momento em que verbalizas o que sentes, esse material ganha outra dimensão. É mais palpável e consegues trabalhá-lo. Com a escrita, sou um bocado assim. Acaba por ser o meu escape e a minha terapia. E então é claro que acabo por fazer esses balanços, através da música.

**Estar a solo é sinónimo de liberdade ou de responsabilidade?**

Eu a solo não estou. Seja em estúdio, seja ao vivo, estou sempre com muita gente. Mas é claro que tenho uma liberdade diferente. Estando numa banda, nomeadamente ao nível das letras, se calhar não posso estar a tornar aquilo uma coisa muito minha... Se estiver só em meu nome, posso pôr ali tudo o que quiser. Depois é um processo mais solitário, na parte dos discos, mas também me permite ter um disco meio esquizofrénico como tenho, que tem música de muita gente diferente. Ao vivo, não: tenho uma banda muito fixe. Já estamos juntos a tocar praticamente desde o *Quarenta* e já há um grande espírito. As canções também ganham novas cores, diferentes do que está no disco, e isso é muito giro.



carlão

Sáb. 29 de Setembro às 21h30

# Mayra Andrade tem um novo álbum na manga

ENTREVISTA COM MAYRA ANDRADE

Em criança refugiava-se na igreja, para ouvir os anjos a cantar. Mayra Andrade, que soube impor aos puristas da música do seu país as suas próprias influências musicais – como o jazz, a música brasileira, ou outros ritmos africanos – trará ao TMJB ecos do seu novo álbum: *Manga*. Para a jovem intérprete, a música crioula não está fixada nos cânones de qualquer instituição: é antes “*um encontro de culturas, uma amálgama de influências*”.

## A música sempre fez parte da sua vida?

Sim: lembro-me de ser muito pequenina e cantar. Era muito claro para as pessoas que viviam comigo que eu tinha uma queda forte para a música. Mas as crianças também têm quedas que depois não se transformam em profissões, não é? Mas eu sempre tive uma ligação forte à música e acho que foi um dom porque na verdade nem provenho de uma família de músicos. Quando era pequenina, com dois, três anos, fugia de casa e ia para a igreja, porque achava que os coros eram vozes de anjos a cantar.

## Começa a cantar em público aos 14 anos, em Cabo Verde. Já tinha a certeza, na altura, que queria ser cantora?

Sim. Inicialmente dizia que queria ser cantora, actriz e bailarina. Depois comecei a crescer e queria ser outras coisas – e cantora. A partir dos 14 anos, 15, 16, tornou-se óbvio que a vida ia dar-me esta oportunidade de fazer apenas música – e seria muito estranho, com as oportunidades que eu tive, virar as costas a isso. Sabemos que é difícil uma pessoa conseguir viver a sua paixão. Essa é uma sorte muito grande.

## Quando disse a Orlando Pantera que queria fazer “algo diferente”, o que é que tinha em mente?

Eu não tinha nada em mente, e esse é que

era o meu problema. Tinha uma angústia muito grande de não conseguir aportar algo diferente à música de Cabo Verde. Ou seja, não sabia o que é que queria fazer, mas sabia que não queria ser mais uma cantora, fazer mais um grupo de música tradicional. Sabia que tinha tido uma vida muito diferente da maioria das pessoas que conhecia, com oportunidade de viajar desde muito cedo, de conhecer outras culturas, de ser influenciada por outras coisas, e só fazia sentido para mim fazer música espelhando isso.

## Mas a sua primeira decisão, como cantora, foi esperar até gravar.

Exactamente. De certa forma, acho que tenho um problema com contratos; com coisas que fiquem escritas na pedra, que não possam ser alteradas no dia seguinte. O que eu queria era fazer concertos. Tinha muito medo de gravar um disco e de me arrepender no mês seguinte de ter gravado um disco que não se parecesse comigo ou que não fosse exactamente a forma como eu queria dizer as coisas.

## O lançamento do seu quarto álbum, *Lovely Difficult*, representou um ponto de viragem na sua carreira...

Ou pelo menos eu achava que representava. O que eu fiz desde o primeiro disco não é



© Naim De La Lisiere

100% tradicional. Nunca foi. Sempre estive um bocadinho à margem do tradicional. Sempre tive influências do jazz, da música brasileira, de outros ritmos africanos... Mas o *Lovely Difficult* foi, digamos, o primeiro disco em que me abri a experiências com um som um bocadinho mais *pop*, mais *folk*; em que trabalhei com compositores não necessariamente cabo-verdianos, não necessariamente em crioulo... Tratou-se de abrir um precedente para mim mesma... E também para o público, não é? As pessoas perceberam que eu ia para uma coisa diferente. Acho que este novo disco que vai sair, o *Manga*, é muito mais sobre mim. A essência conserva-se: se calhar até está mais próximo do meu primeiro disco do que do *Lovely Difficult*. Mas é muito mais diferente, porque trabalho com *beats* e com *beatmakers* africanos, de 20 e tal anos, e ao mesmo tempo com o Kim Alves, que toca eximamente os violões e cavaquinhos tradicionais. Também tive de compor mais para este disco, e acho que estou a começar agora a escrever com uma poesia muito mais directa, menos abstracta, menos etérea. Pensei muito nos *rappers*; na forma que eles têm de descrever uma situação.

## O concerto no TMJB já vai dar para levantar o véu?

O concerto em Almada, independentemen-

te da data de lançamento do disco, vai ser sobre o meu novo trabalho. Ou seja: com a banda nova... Vou para Paris ainda em Setembro, para começar os ensaios e montar o espectáculo novo. Portanto, o público de Almada vai ter a oportunidade de descobrir o repertório do *Manga*.

## Sente que Cabo Verde continua a resistir à modernidade?

Cada dia menos. Quando comecei, havia um proteccionismo muito grande com a música tradicional. Eu estava a tentar encontrar o meu caminho e tinha músicos que admirava, mais velhos, a dizerem-me: “*Canta, mas canta como deve ser. Pára de estar para aí a inventar coisas*”. Era muito duro para mim, com 15 anos, estar a ouvir isso. Hoje em dia, as pessoas estão muito mais receptivas a essas diferenças, a essa transformação. As que eram relutantes esquecem-se de que a música cabo-verdiana foi sempre um encontro de culturas, uma amálgama de influências – no fundo, um ponto de passagem.



Mayra Andrade

Sáb. 17 de Novembro às 21h



## CLUBE DE AMIGOS

- Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes
- Espectáculos acolhidos: 50% de desconto e até 30% de desconto para os acompanhantes
- Menu de refeição completa por 8€ e Menu Almoço por 6€ no Restaurante do Teatro
- 50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada
- 20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada
- Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos



# “O céu é cor-de-rosa quando eu canto”

ENTREVISTA COM GISELA JOÃO

Quando actuou pela primeira vez na Sala Experimental do Teatro Municipal Joaquim Benite, em 2011, Gisela João era ainda uma jovem promessa do fado. Sete anos e dois álbuns de originais depois, a fadista nortenha regressa a Almada com o lastro da aclamação do público e da crítica, mas “*com as mesmas certezas em relação ao que é o fado*”. O que esperar do concerto de Dezembro? “*Histórias bonitas, de amor, intensas, e da vida de toda gente*”.

**Actuou no TMJB em 2011, quando ainda era uma promessa do fado. Muita coisa aconteceu entretanto... Que Gisela é que o público que a viu na altura vai reencontrar agora?**

A mesma! Um bocado mais velha, já com algumas rugas... Mas a mesma. E, acima de tudo, acho que, com a idade, há traços da nossa personalidade e sonhos que nós temos, ou coisas em que nós acreditamos, que se afirmam mais. E eu continuo com as mesmas certezas que tinha na altura em relação ao que é o fado, e àquilo que me interessa fazer na minha área. As minhas premissas continuam as mesmas e eu continuo a mesma pessoa.

**Em criança, quis ser muitas coisas, desde cozinheira a designer de moda. Mesmo escolhendo uma carreira ligada à música, poderia ter optado por outro género musical. Porquê o fado?**

Eu não sou de explicações muito eruditas quando me fazem essas perguntas sobre o que o fado é, sobre o que é que o fado tem... Agora, posso dizer-lhe que é a melhor forma que encontro de me exprimir. O primeiro fado que ouvi e que me fez apaixonar por este género de música foi o *Que Deus me perdoe*. E continuo a sentir exactamente a mesma coisa sobre o que aquela letra diz, que é: “*Quando eu canto não há*

*tristezas e nada me dói*”. O céu é cor-de-rosa quando eu canto.

**A Gisela João é conhecida por ter uma postura muito tradicional no conteúdo e um tanto irreverente na forma.**

Pois, porque eu acho que a forma e o conteúdo não têm necessariamente de ser uma fotocópia. Na minha cidade [Barcelos], há uma feira e eu sempre ouvi dizer desde miúda: “*Não é por te vestires da feira que és da feira*”. Aquela história do “*muito riso, pouco siso*”, não acho que seja verdade. Não é por me vestir de médica que vou ser médica. Não é por me vestir de advogada que vou ser uma advogada. E a mim sempre me chateou muito o afastamento que existia entre as pessoas do fado e as pessoas da minha idade. Eu gosto de dizer que sou uma *millennial*. Claro que não sou, eu sei... Sou uma *millennial* velha, digamos assim [risos]. O fado fala da vida das pessoas... É poesia. Eu não oiço fado a toda a hora do dia. Mas a mim sempre me irritou muito ver as minhas amigas e os meus amigos que, à partida, diziam: “*Não, fado não*”. E eu acho que tinha muito a ver com a forma. Sempre com a forma e não com o conteúdo.

**Nua foi o sucessor de Gisela João, o seu disco de estreia. Incluir o Sr. Extraterrestre,**



© Isabel Saldanha

**restre, ou um fado escrito pela Capicua, foram opções ousadas?**

Arriscado, a meu ver, foi fazer duas versões de duas músicas brasileiras e gravar uma versão de uma música mexicana. Isso para mim é arriscado; o resto não. Quem arriscou com o *Sr. Extraterrestre* não fui eu; foi a Amália. Arriscado, para mim, foi pegar em duas músicas do Cartola, por exemplo, que é um dos cantautores mais conhecidos do cancioneiro brasileiro. Eu já as cantava em casa à minha maneira... E perdi o medo e gravei-as, tendo a noção de que me estava a apropriar da cultura de outro país e sempre com respeito, para que não atraísse a melodia e, acima de tudo, a intenção da música. E o mesmo aconteceu com *Llorona*, da Chavela Vargas. Mas também não me arrepiava muito, se quer saber. Quando a gente faz as coisas de coração e com respeito, acho que não há muitos receios.

**Cantou temas que outros grandes nomes do fado cantaram...**

Mas o fado é mesmo isso. Quando se fala de fado, está-se a falar das melodias e do facto de nós podermos brincar, encaixando poemas diferentes nas melodias e encontrando casamentos perfeitos entre o poema e a música. E isso é o fado; essa é a piada.

**O fado também desafia uma certa maneira de estar no Mundo...**

Eu acho que o fado é um género musical muito simples e que a sua riqueza está precisamente aí. Só que, às vezes, parece que já não basta essa simplicidade, que se quer mais... Para mim, o necessário para o fado ser bonito, intenso e maravilhoso é precisamente ser simples como ele é – e não há que ter vergonha nenhuma. Nunca há-de ser um género musical que as pessoas ponham na rádio para ir trabalhar num dia cinzento e chuvoso, quando querem arrebitar o espírito. Até há fados tradicionais alegres, com letras boas e engraçadas mas... Nunca vai ocupar o lugar da música *pop*.

**O que é que podemos esperar do concerto aqui em Almada?**

Ai não vou dizer! [risos] Podem esperar aquilo que eu digo sempre: boa disposição, histórias bonitas, de amor, intensas, e da vida de toda a gente.



Gisela João

Sáb. 15 de Dezembro às 21h

## Catálogos da exposição: “CTA: 40 anos em Almada”

Conheça a história da Companhia de Teatro de Almada através dos três volumes desta colecção.

À venda na livraria do Teatro Municipal Joaquim Benite. Oferta para os membros do Clube de Amigos do TMJB.



8€

CADA CATÁLOGO

# Música sacra pelo Natal

Com o Natal à porta, a Orquestra Metropolitana de Lisboa convida-nos a conhecer a música sacra de Mozart, com direcção do maestro José Eduardo Gomes e interpretação da soprano Sara Braga Simões. A Metropolitana recua à fase inicial da carreira do compositor e interpreta cinco peças instrumentais e vocais que reflectem, à sua maneira, a vivência religiosa de um tempo, de um povo e de um homem que, desde muito novo, esteve associado ao arcebispado de Salzburgo.

A obra mais antiga do programa chama-se *Exsultate, jubilate* e foi composta em 1773, quando Mozart tinha apenas 17 anos de idade. O jovem músico encontrava-se de passagem por Milão, para assistir à estreia da sua ópera *Lucio Silla*, e ficou verdadeiramente impressionado com Venanzio Rauzzini, o *castrato* italiano que tinha o papel principal. Foi a pensar na sua voz que Mozart compôs um dos seus primeiros motetos – interpretado em Dezembro pela cantora Sara Braga Simões, descrita pela crítica internacional de ópera como uma soprano de “*extensão impressionante*” (*Opera Now*) e com “*um desempenho excepcional*” (*Opera Magazine*). Para além do *Exsultate, jubilate*, a cantora terá ainda a oportunidade de entoar um outro moteto (*Kommet her, ihr frechen Sünder / Vem, peccador impudico*) e a ária *Laudate Dominum*, do concerto *Vesperae solennes de Dominica*. As duas obras datam de 1779, dois anos antes de um desentendimento com o príncipe obrigar Mozart a desvincular-se do arcebispado de Salzburgo.

## UMA SINFONIA EM QUATRO DIAS

Exclusivamente instrumentais são a *Sonata da chiesa* e a Sinfonia n.º 36, as duas obras que completam o programa deste *Concerto de Natal*. A primeira, composta em 1780, integra o conjunto de composições que tradicionalmente se ouviam durante a missa; a segunda é uma obra da

maturidade de Mozart, posterior ao seu casamento com Constanze Weber e ao nascimento do primeiro filho de ambos. O compositor estava instalado em Viena desde 1781 e preparava-se agora, dois anos depois, para regressar a Salzburgo e apresentar a esposa ao pai, o velho Leopold Mozart, que continuava sem aprovar a sua união. No entanto, a Sinfonia n.º 36 não nasceu durante os três meses que Mozart passou na sua cidade natal. Nasceu durante as duas semanas que o músico prodigioso passou em Linz, com o intuito de se restabelecer da primeira metade da viagem. Encantado com a hospitalidade do Conde de Thun e com o concerto que se organizava em sua homenagem, Mozart não se deixou abater pelo facto de não ter consigo nenhuma partitura e tratou de compor (aparentemente no espaço de quatro dias) aquela que hoje é considerada a sua primeira grande obra sinfónica e uma das que mais afinidades revela com as sinfonias de Haydn. Segundo escreve Philip Huscher nas notas de um programa da Chicago Symphony Orchestra, o mais espantoso é que “*nada na música sugere a urgência na sua composição*”.



## concerto de Natal

Produção: Orquestra Metropolitana de Lisboa

Sex. 21 de Dezembro às 21h



© Pedro Proença



© Tiago Martins

## José Eduardo GOMES

José Eduardo Gomes é maestro titular da Orquestra Clássica do Centro, da Orquestra Clássica da Faculdade de Engenharia do Porto e do Círculo Portuense de Ópera. Na sua carreira, destaca-se ainda a passagem pela Orchestre de Chambre de Carouge, na Suíça, como maestro principal, e a colaboração recente como maestro assistente de Martin André na Momentum Orchestra Momentum Perpetuum, na Casa da Música, e de Peter Eötvös na Orquestra Sinfónica do Porto.



## Sara Braga SIMÕES

Sara Braga Simões tem-se apresentado em concerto em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Andorra e Eslovénia. É presença regular na temporada do Teatro Nacional de São Carlos, nas principais salas de concerto e festivais de música do país. Foi dirigida por maestros como: Lawrence Renes, Martin André, Stefan Asbury, Peter Rundell, Johannes Willig, Laurence Cummings, Ferreira Lobo, Cesário Costa, António Saioite, Marc Tardue, Osvaldo Ferreira, Pierre-Andre Valade, entre outros.



Almoços: Ter. a Dom. das 12h às 15h | Jantares: Ter. a Sáb. das 19h às 21h30

Informações e reservas: 21 273 93 65 / geral@ctalmada.pt

MENU ALMOÇO

6,50€

MENU JANTAR

10€

MENU TEATRO

15€

ALMOÇO CLUBE DE AMIGOS

6€

JANTAR CLUBE DE AMIGOS

8€

# Tempo de sonhar

Nos últimos três anos, entre o Natal e o Ano Novo, a Companhia Nacional de Bailado tem subido ao palco da Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite. Este ano não será excepção. Nos dias 28 e 29 de Dezembro, apresentamos o mais natalício de todos os bailados: *O quebra-nozes*, com música de Tchaikovsky e coreografia de Mehmet Balkan. Esta versão, originalmente estreada em 2003, é agora remontada pelo próprio coreógrafo, convidando todos os espectadores a recordarem os presentes que, na sua infância, os fizeram sonhar.

Muitos de nós conhecem a história de trás para a frente: era uma vez uma menina chamada Clara que, numa dessas noites de Natal que ficam para sempre guardadas na memória, recebe das mãos do seu padrinho um bonito quebra-nozes. Tem a forma de um soldado, está trajado a rigor e o seu sorriso jamais esmorece. Horas depois, quando a menina adormece, o brinquedo ganha vida. Primeiro, passa a comandar a hoste de soldadinhos valentes que combate um exército de roedores, fiéis ao Rei dos Ratos. Depois transforma-se no príncipe encantado que leva a pequena Clara numa viagem pelos reinos encantados das fadas. O conto original foi escrito em 1816 por E. T. A. Hoffmann e, desde então, foram muitos aqueles que quiseram relê-lo: Alexandre Dumas assinou uma adaptação para crianças; Tchaikovsky tinha-o em mente quando compôs o seu terceiro e último bailado em 1892, a convite do director dos teatros imperiais russos; e Marius Petipa e Lev Ivanov foram os primeiros a dar a este conto a forma de uma coreografia.

## O LUGAR DA TRADIÇÃO

Em 2003, aquando da sua passagem pela direcção artística da Companhia Nacional

de Bailado, o coreógrafo turco Mehmet Balkan ousou lançar um novo olhar sobre este clássico da História da Dança. No entanto, não se afastou muito da versão original russa. Quem no-lo garante é Carlos Pinillos, bailarino principal da CNB que se prepara para dançar novamente, em Dezembro, a mesma peça que dançou há quinze anos. “Mehmet Balkan é bastante fiel à produção original russa”, garante o bailarino, em entrevista ao *Mais TMJB*. “Tem muito respeito pela tradição coreográfica e estética da peça” – de tal modo que a sua versão se distingue, sobretudo, “pelo cuidado a nível corpóreo e visual”. Para Carlos Pinillos, *O quebra-nozes* continua a ser “a produção clássica que mais cativa os novos públicos”. “A sua relação com a tradição natalícia faz com que a história nunca passe de moda”, conclui.

## REMONTAGEM CRIATIVA

Mehmet Balkan está de regresso a Portugal para supervisionar a remontagem – e o exercício é tão estimulante para o criador como para os intérpretes. “Recuperar uma peça faz-nos crescer, rever os passos do passado”, afirma Pinillos. “És outra pessoa, tens outra experiência e podes contar a mesma história de uma forma diferente. Muitos bailarinos contaram a mesma história durante um século. Há-de passar



outro século e vai ser sempre diferente. A idiosincrasia de cada artista dá novas cores à mesma história”. Mesmo em relação à coreografia que Mehmet Balkan estreou em 2003, há já pequenas diferenças a assinalar. Há quinze anos, duas bailarinas diferentes dançavam, respectivamente, o papel de Clara e o célebre *pas de deux* da Fada do Açúcar, no segundo acto. Em Dezembro, será a mesma bailarina a interpretar os dois papéis. Por outro lado, a Companhia Nacional de Bailado promete rever o cenário e os figurinos e apresentar-se com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, que tocará ao vivo a música de Tchaikovsky, dirigida pelo maestro Pedro Neves.

## COREÓGRAFO E MAESTRO

Carlos Pinillos fez questão de sublinhar ainda a qualidade do trabalho com Mehmet Balkan, “um grande bailarino, que trabalhou com ícones da História da Dança”, e cuja “linguagem universal” é imediatamente apreendida pelos intérpretes que tem à sua disposição. “É simultaneamente um coreógrafo e um maestro”, avança o bailarino da CNB. Mehmet Balkan é, de resto, um dos mais conceituados coreógrafos do seu tempo. Nascido em 1956, em Ancara, estudou ballet e piano no conservatório da sua cidade natal. Aos 18 anos, integrou a Ópera e o Bal-

let de Ancara e, pouco depois, em 1974, partiu para Inglaterra para investir na sua formação. Numa fase inicial, fez carreira na República Federal da Alemanha, mas depressa colaborou com companhias de todo o mundo, em cidades tão díspares como Nova Iorque, Tóquio ou Pequim. Coreografou várias dezenas de bailados ao longo da sua carreira e, em 2001, foi considerado um dos cinco melhores do ramo pela revista *Dance Europe*. No ano seguinte, tornou-se director artístico e coreógrafo residente da CNB, mantendo-se no cargo até 2007, quando foi substituído por Vasco Wellenkamp. Aos espectadores de *O quebra-nozes*, diz que é chegado o “tempo de sonhar”. “Tempo para deixar voar os pensamentos, voar muito além dos acontecimentos de Ontem, porque há sempre um Amanhã, voar para além dos horizontes e espantar-se através dos olhos de uma criança...”.



## O QUEBRA-NOZES

Coreografia de Mehmet Balkan  
Música de Piotr Ilich Tchaikovsky  
Produção: Companhia Nacional de Bailado  
**Sex. 28 e Sáb. 29 de Dezembro às 21h**

## SERVIÇO DE PÚBLICO DO TMJB

### • Actividades e condições especiais para escolas

Preços especiais para grupos escolares | Colóquios com elementos das equipas artísticas  
Colaboração na organização de transporte colectivo | Encontro anual com professores  
Disponibilização de dossiers pedagógicos sobre os espectáculos

### • Serviço de infantário

### • Visitas guiadas para grupos

publico@ctalmada.pt | www.ctalmada.pt/publico | + 351 21 273 93 60 | + 351 96 496 00 05

# ESPECTÁCULOS PARA A **INFÂNCIA**

## D. Raposa e outros animais

A partir das fábulas de La Fontaine  
Encenação de Teresa Gafeira  
Produção: Companhia de Teatro de Almada

**SETEMBRO**

Sábado **29** às 16h

Domingo **30** às 11h e às 16h



## Muita tralha pouca tralha

Texto de Catarina Requeijo e Inês Barahona | Direcção artística de Catarina Requeijo  
Produção: Formiga Atómica Associação Cultural e Teatro Maria Matos

**OUTUBRO**

Sábado **13** às 16h

Domingo **14** às 11h



## Contos do abstrato

Direcção de São Castro e António Cabrita  
Produção: Companhia Nacional de Bailado

**OUTUBRO**

Sábado **27** às 16h

Domingo **28** às 16h



## os gatos

A partir de *O livro dos gatos* de T. S. Eliot  
Encenação de Teresa Gafeira  
Produção: Companhia de Teatro de Almada

**NOVEMBRO**

Sábado **10** às 16h

Domingo **11** às 11h e às 16h



## Verdi que te quero verdi

A partir de Giuseppe Verdi  
Encenação de Teresa Gafeira  
Produção: Companhia de Teatro de Almada

**NOVEMBRO**

Sábado **17** às 16h

Domingo **18** às 11h e às 16h



## O romance da raposa

De Aquilino Ribeiro | Dramaturgia e enc. de Teresa Gafeira  
Cenário e figurinos de António Lagarto  
Música de Alexandre Delgado  
Produção: Companhia de Teatro de Almada

**SESSÕES PARA AS ESCOLAS**

Nos dias úteis, de 04 a 14 de Dezembro, mediante marcação

**01 a 16 de DEZEMBRO**

Sábado às 16h | Domingo às 11h e às 16h | M/6



# OFICINAS AOS **SÁBADOS**

**22 SET. e 06 OUT.**

A gaiivota

Oficina sobre teatro

**20 OUT. e 03 NOV.**

Auto da barca do inferno

Oficina de desenho e pintura

**24 NOV. e 08 DEZ.**

À espera de Godot

Oficina de invenção de histórias

**FAIXAS ETÁRIAS:**

O primeiro dia de cada oficina: crianças entre os 5 e os 7 anos • O segundo dia de cada oficina: crianças entre os 8 e os 11 anos

**HORÁRIO:**

Aos Sábados das 15h00 às 17h00